



Griot: Revista de Filosofia

ISSN: 2178-1036

[griotrevista@gmail.com](mailto:griotrevista@gmail.com)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Brasil

Rocha Antunes, Paulo Fernando  
Marx, Engels e o movimento dos trabalhadores nos EUA: um  
contributo para a compreensão da concepção materialista da história  
Griot: Revista de Filosofia, vol. 19, núm. 2, 2019, pp. 51-70  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v19i2.1148>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576660982004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)


redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc  
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

## MARX, ENGELS E O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES NOS EUA: UM CONTRIBUTO PARA A COMPREENSÃO DA CONCEÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA \*

Paulo Fernando Rocha Antunes \*\*

Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL)

 <https://orcid.org/0000-0002-3603-0127>

E-mail: pauloantunes@campus.ul.pt

### RESUMO:

No presente artigo procuramos recuperar a reflexão de Karl Marx e Friedrich Engels acerca do movimento dos trabalhadores estado-unidense do seu tempo, sobretudo no que ao papel dos socialistas dirá respeito. É nosso entendimento que esta reflexão contribui, apesar de pouco explorada, para a compreensão da concepção de ambos – a concepção materialista da história –, não porque tenha contribuído para a sua elaboração mais acabada, mas por via do exercício que os autores fizeram desta quando analisaram o que se passava do outro lado do Atlântico. A reflexão destes dois autores pode ainda ser, além de questões meramente teóricas, bastante atual – daí o enfoque nas questões de estratégia político-partidária –, pois que os partidos que se reclamam da classe trabalhadora hoje são, apesar de tudo, bem mais do que na segunda metade do século XIX, mas, por outro lado, bem menos expressivos do que na segunda metade do século XX. Trata-se, em rigor, de um de vários contributos particulares da concepção dos dois autores alemães.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dogmatismo; Partido (Partido Socialista do Trabalho Germano-americano); Prática; Sectarismo; Teoria.

## MARX, ENGELS AND THE WORKERS' MOVEMENT IN THE USA: A CONTRIBUTION TO THE UNDERSTANDING OF THE MATERIALIST CONCEPTION OF HISTORY

### ABSTRACT:

In the present paper we try to recover the reflection of Karl Marx and Friedrich Engels on the American workers' movement of their time, especially as regards to the role of socialists. It is our understanding that this reflection of Marx and Engels contributes, although little explored, to the understanding of the conception of both – the materialist conception of history –, not because it contributed to its final elaboration, but through the practice that the authors made this when they analyzed what was happening on the other side of the Atlantic. The reflection of these two authors may still be, in addition to merely theoretical issues, quite current – hence the focus on issues of political party strategy – since the parties that claim the working class today are, after all, much more than in the second half of the nineteenth century, but on the other hand, much less expressive than in the second half of the twentieth century. It is, in fact, one of several particular contributions of the conception of the two German authors.

**KEYWORDS:** Dogmatism; Party (German-American Socialist Labor Party); Practice; Sectarianism; Theory.

---

\*\* Doutorando em Filosofia Política Contemporânea pelo Programa de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), Lisboa - Portugal. Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), apoiado pelo orçamento comunitário através do FSE. Membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL), integrado no Grupo de investigação PRAXIS e Núcleo de Estudos Políticos da Universidade de Lisboa (nepUL). Membro do Grupo de Estudos Marxistas (GEM).

*The working classes moved spontaneously, without knowing what the ends of the movement will be. The Socialists invent no movement, but merely tell the workmen what its character and its ends will be. MARX, 1879.*

*Die Deutschen haben nun einmal nicht verstanden, von ihrer Theorie aus den Hebel anzusetzen, der die amerikanischen Massen in Bewegung setzen konnte; sie verstehen die Theorie größtenteils selbst nicht und behandeln sie doktrinär und dogmatisch als etwas, das auswendig gelernt werden muß, dann aber auch allen Bedürfnissen ohne weiteres genügt. Es ist ihnen ein Credo, keine Anleitung zum Handeln. ENGELS, 1886.*

## Introdução

No presente artigo procuramos recuperar a reflexão de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) acerca do movimento dos trabalhadores americano (*american labor movement*, ou estado-unidense, como vamos preferir utilizar a maior parte das vezes) do seu tempo –, sobretudo no que ao papel dos socialistas dirá respeito.

É nosso entendimento que esta reflexão de Marx e Engels contribui, apesar de pouco explorada <sup>1</sup>, para a compreensão da concepção de ambos – a concepção materialista da história (*materialistische Geschichtsauffassung*) –, não porque tenha contribuído para a sua elaboração mais acabada, mas por via do exercício que os autores fizeram desta quando analisaram o que se passava do outro lado do Atlântico. Trata-se, em rigor, de um de vários contributos particulares.

É ainda possível dizer-se que esta reflexão se segue naturalmente à que os dois autores realizaram acerca da Guerra Civil Americana (1861-1865), dado que fora um momento privilegiado da história daquela nação e que os dois puderam acompanhar <sup>2</sup>. Quer um, quer outro autor, publicaram artigos sobre o assunto, por exemplo, no *New York Daily Tribune* (aqui, Engels publicou, mas sob o nome de Marx) e na *Die Press* vienense, bem como trocaram imensa correspondência sobre o sucedido.

Ali, tratava-se de denunciar a escravatura como causa da guerra, motivo tão escamoteado pela imprensa e meios dominantes da época; agora, tratava-se de apoiar o desenvolvimento do movimento dos trabalhadores, sobretudo teoricamente, embora não apenas.

Se, no primeiro caso, Marx foi amplamente publicado, pelo menos durante a primeira metade da guerra, neste caso – um período que vai desde o final dos anos 60 até princípios dos anos 90 do século XIX – a maior parte das reflexões de Marx e de Engels é vertida em forma epistolar, a maior parte das vezes publicada já no século XX. Ao longo das suas vidas ambos trocaram abundante correspondência e aqui não foi exceção.

---

<sup>1</sup> Eis alguns exemplos, sobretudo da primeira metade do século XX, em alguns casos pendendo mais para uma coletânea de excertos do que para uma reflexão própria: NEUMAN, 1925; MORAIS, 1948; WOLFE, 1934; JOHNSON, 1974; e, WOODS, 2009.

<sup>2</sup> Entende-se, portanto, que estas duas reflexões são complementares no que concerne ao que os dois autores escreveram sobre os EUA: se a guerra civil libertava os escravos, libertando parte do trabalho, estavam agora encontradas novas condições para os trabalhadores e para o movimento socialista nos EUA. Estes serão de facto os dois temas mais presentes, além, como será fácil de notar noutros espaços, das questões relacionadas com o desenvolvimento económico daquela nação, neste espaço não suficientemente abordadas.

O que muda de uma reflexão para outra, mantendo-se o escopo dos desenvolvimentos estado-unidenses, é, além do tema e período, o autor que mais frequentemente se pronuncia acerca da questão. Marx foi quem mais refletiu acerca do que lá se passava durante e por causa da guerra civil, Engels, que viveu mais doze anos depois da morte de Marx, é quem mais se vai pronunciar acerca do movimento dos trabalhadores estado-unidense.

Para que assim tivesse sido, terão contribuído diversos fatores, não apenas o facto de ter vivido mais, mas a tradução e publicação de uma das mais conhecidas obras de Engels para inglês nos EUA, mais precisamente, em Nova Iorque <sup>3</sup>, a fundação da II Internacional (1889) <sup>4</sup>, a sua visita ao país <sup>5</sup>, entre outras motivações.

Não obstante, Marx, ainda que com menor incidência, também contribui para esta discussão. Se Engels terá um papel determinante ao denunciar o sectarismo dos socialistas germano-americanos (assim chamados por se tratarem dos socialistas alemães que se radicaram, por diversas razões, nos EUA), o seu companheiro já o havia feito em momentos anteriores.

Sobre Marx, diria ainda um jornalista estado-unidense – que teve a oportunidade de o entrevistar pessoalmente em dezembro de 1878 para o *Chicago Tribune* –, ter ficado muito impressionado com a sua “familiaridade” com as questões americanas (cf. MARX, 1989 [1879]: 569).

Como veremos adiante, Engels vai encontrar como interlocutores privilegiados, para a troca de correspondência a propósito do que se passava nos EUA, Friedrich Adolph Sorge (1828-1906) e Florence Kelley-Wischnewetzky (1859-1925), apesar de a ter trocado com muitos outros correspondentes.

O primeiro, um alemão radicado em Hoboken, Nova Iorque, que veio a ser Secretário-geral da Associação Internacional dos Trabalhadores (I Internacional, 1864-1876) quando esta se transferiu para os EUA <sup>6</sup>, e, a segunda, uma socialista americana bastante ativa, casada com um socialista polaco-russo.

Sorge desempenhou um papel de maior relevo no movimento operário local e Kelley-Wischnewetzky, além de ter sido a tradutora da primeira obra de juventude de Engels (cf. nota 3), também participou no movimento abolicionista e sufragista. Interessando pouco, para aqui, os percursos de cada um destes interlocutores, e mais o *feedback* que faziam chegar a Engels e os comentários que lhe provocavam.

Posto isto, cremos estar em condições de proceder ao levantamento e análise das questões mais relevantes para e sobre o movimento dos trabalhadores nos EUA, na esteira dos dois revolucionários alemães.

---

<sup>3</sup> Trata-se da tradução de *Die Lage der Arbeitenden Klasse in England* (1845), publicada em 1887 sob o título *The Condition of the Working Class in England*.

<sup>4</sup> Engels esteve envolvido na fundação da II Internacional desde o seu começo, logrando a sua iniciativa, no entanto, já não foi tão ativo como havia sido na I Internacional.

<sup>5</sup> Engels visitou os EUA, por aqui passou em Hoboken, e o Canadá, em setembro de 1888.

<sup>6</sup> Após o Congresso de Haia, 1872, da I Internacional, é tomada a decisão de transferir o centro da organização internacional dos trabalhadores para os EUA. Não terá sido por acaso que a sua direção coube a Sorge, uma vez que os trabalhadores estado-unidenses lhe haviam de “dever” a sua “primeira educação marxista” (*first Marxian education*, cf. NEUMAN, 1925: 3), este revolucionário alemão fundara o *New York Communist Club* em 1857.

## Contexto histórico: da *guerra civil* ao limiar do século XX

### *Guerra civil e Reconstrução*

Antes de mais, contextualizemos, ainda que a breve trecho, o período histórico em questão.

A Guerra Civil Americana não terá servido apenas para libertar os escravos dos Estados do Sul dos EUA, ou seja, tornar os EUA livres de escravatura. Com a libertação dos escravos libertava-se igualmente o movimento dos trabalhadores, pelo menos o sucedido obrigava ao abandono da ilusão mantida pela generalidade dos trabalhadores de que havia uma classe destes em piores condições e do sentimento de que podiam estar um pouco melhor enquanto tal existisse.

Não era por acaso que Marx declarava em janeiro de 1860, ainda antes da guerra, que «[...] a maior coisa que está[va] a acontecer no mundo é o movimento dos escravos americano, de um lado [...] e, do outro, o movimento escravo [dos servos] na Rússia.» (MARX, 1974 [1860]: 6 <sup>7</sup>).

A libertação dos escravos, por um lado, e dos servos, por outro, augurava novos avanços no movimento internacional dos trabalhadores, entenda-se, em favor do socialismo.

A propósito do fim da escravatura e da guerra civil, Marx e Engels depositaram enormes esperanças na “Era da Reconstrução” (*Reconstruction Era*), expressão pela qual ficou conhecido o período que se seguiu à guerra civil até 1877, um período marcado pela permanência das tropas do Norte nos Estados do Sul e pela reconstrução destes num sentido pós-escravista e pós-guerra.

No entanto, os dois autores foram logo levados a perceber que o curso da “reconstrução” não era mais revolucionário como o ato de libertação dos escravos – assinado por Abraham Lincoln (1809-1865) – teria dado a entender <sup>8</sup>. Depois do assassinato do Presidente dos EUA, Lincoln, o rumo fora invertido.

Aliás, mais tarde, logo após o desinteresse dos Estados do Norte na reconstrução do Sul, social e política principalmente, os sulistas trataram de confirmar institucionalmente o que na prática já era a segregação dos negros nos seus Estados, a liberdade era mais formal do que outra coisa. Mesmo no Norte existiu segregação <sup>9</sup>.

Ora, o que se sucedeu à guerra foi de facto a expansão das relações capitalistas de produção, estas encontraram novo espaço após a derrota dos Estados escravistas do Sul, mais precisamente, após a derrota das relações escravistas de produção.

Com este novo ascenso capitalista nos EUA, estes passaram a competir diretamente no mercado mundial. Se até então não eram mais do que uma espécie de colónia (no que às relações económicas dizia respeito) dos ingleses, que mantinham os

---

<sup>7</sup> «Nach meiner Ansicht ist das Größte, was jetzt in der Welt vorgeht, einerseits die amerikanische Sklavenbewegung, [...] andererseits die Sklavenbewegung in Rußland.»

<sup>8</sup> A 1 de janeiro de 1863 era proclamada a emancipação.

<sup>9</sup> A segregação institucionalizada permaneceu em vigor até meados dos anos 60 do século XX, terminando após massivas manifestações que garantiram os Direitos Cívicos (1964) e o Direito de Voto (1967), no entanto, a luta dos negros nos EUA por uma efetiva igualdade persiste até hoje, não obstante o fim das discriminações institucionalizadas.

EUA como seus produtores de algodão, até ao ponto de quase total exaustão do seu próprio solo, agora, competiam diretamente com a Inglaterra e as restantes nações emergentes (França e Alemanha) <sup>10</sup>.

Simultaneamente desenvolviam-se os movimentos sufragistas, as mulheres exigiam o direito de voto; os trabalhadores começavam-se a organizar, a formar os seus principais sindicatos; pululavam milionários como nunca se tinha visto; as contradições agudizavam-se; etc., etc. <sup>11</sup>.

## ***I e II Internacional***

A Associação Internacional dos Trabalhadores fundava-se na Europa perto do final da Guerra Civil Americana. É conhecida a troca de correspondência entre esta Associação, assinada por Marx, e o gabinete da Presidência dos EUA, a propósito da guerra e da escravatura (cf. por exemplo, MARX, 1985a [1865]).

Após a derrota da Comuna de Paris (1871) – primeira experiência histórica de tomada do poder político por parte da classe trabalhadora – a Internacional vê-se perseguida em todo o lado, mormente no centro do velho continente <sup>12</sup>. A Internacional fora, por muitos, responsabilizada pelo sucedido e o poder dominante de então não poderia perdoar tamanha petulância aos trabalhadores, por assim dizer.

Por isso, entre outros fatores <sup>13</sup>, é tomada a decisão em Congresso de se transferir o centro da Internacional para os EUA. Aqui veio a ficar desde 1872 até à sua extinção em 1876.

Naquela ocasião, aproveitava-se o enorme desenvolvimento que se dava económica e politicamente nos EUA para se sediar lá o centro do movimento internacional dos trabalhadores.

Apesar dos esforços envidados em contrário, o Conselho Geral passou a encontrar-se votado quase que exclusivamente às questões estado-unidenses e não foi capaz de mobilizar o que seria necessário para o efeito esperado. Em consequência,

---

<sup>10</sup> O que vinha confirmar o que Marx e Engels já tinham anunciado com a descoberta do ouro na Califórnia quase duas décadas antes (cf. MARX-ENGELS, 1960 [1850]: 266) ou ainda como Engels destacou já ter feito na sua primeira obra, *Die Lage der Arbeitenden Klasse in England*: «Mas, enquanto a Inglaterra superou o estado juvenil de exploração capitalista descrito por mim, outros países acabaram de alcançá-lo. A França, a Alemanha e, especialmente, a América, são os concorrentes formidáveis que neste momento – como previsto por mim em 1844 – estão cada vez mais a destruir [*breaking up*] o monopólio industrial da Inglaterra.» - «But while England has thus outgrown the juvenile state of capitalist exploitation described by me, other countries have only just attained it. France, Germany, and especially America, are the formidable competitors who at this moment – as foreseen by me in 1844 – are more and more breaking up England's industrial monopoly.» (ENGELS, 1990a [1887]: 402). A passagem continua especificando a realidade estado-unidense.

<sup>11</sup> A este propósito, Marx e Engels destacavam a relação umbilical entre o desenvolvimento do movimento dos trabalhadores e o das relações capitalistas de produção e da acumulação de capital que com estas vinha a reboque.

<sup>12</sup> Este acontecimento obrigou a uma segunda vaga de emigração de revolucionários europeus, franceses, mas também imensos alemães, para os EUA – uma vez que o país destes se juntava à onda de leis antissocialistas aprovadas pelo chanceler Otto von Bismarck (1815-1898). A primeira onda, na qual, entre outros, havia ido Sorge, deveu-se à repressão pós-acontecimentos revolucionários de 1848.

<sup>13</sup> Não se pode ignorar o papel de fracionamento que o anarquista russo, Mikhail Bakunin (1814-1876), desempenhou dentro da Internacional, acabando a sua facção por formar uma outra Internacional à parte (a Internacional Autonomista ou Internacional de Saint-Imier) que duraria até 1877. Esta postura terá contribuído em parte para deslocalizar o centro da I Internacional para um oceano de distância.

em Filadélfia reuniram mais de 600 delegados em Congresso e decidiram pela sua dissolução.

Mas a história lá terá as suas ironias, e em 1889, apenas 13 anos mais tarde, Marx já tinha falecido fazia 6 anos, fundar-se-ia a II Internacional, novamente a partir do movimento europeu, mas a partir do impulso dado pelas convulsões estado-unidenses da época, nomeadamente o grande movimento grevista de Chicago ocorrido em 1886 que veio a inspirar e a marcar o dia 1 de maio como o dia internacional do trabalhador (nos EUA o *Labor Day* é celebrado na primeira segunda-feira de setembro)<sup>14</sup>.

Com este passo o movimento socialista internacional procurava conferir unidade à luta dos trabalhadores de cada nação, uma vez que desde o fim da I Internacional que a luta dos trabalhadores se desenvolvia de maneira independente em cada nação, o que sem ser necessariamente prejudicial ao movimento, atrasava questões de consciência mais global e de enquadramento da luta particular, entre outros aspetos.

A fundação (ou refundação) de mais uma Internacional, ainda patrocinada em vida por Engels, era como um sinal de que alguma coisa estava a mudar, mormente se se tiver em conta que as ideias mais difundidas apregoavam que a sociedade moderna já havia ultrapassado a *luta de classes*.

## Marx: notas epistolares e uma entrevista

### *Para um apanhado epistolar*

Posta uma breve contextualização daquele período, devido ao espaço, e à pertinência, sempre amputada nos seus mais diversos pormenores, compete avançar para as reflexões dos dois revolucionários alemães.

Começemos por Marx.

Como mencionado acima, os EUA experimentavam um período de grande avanço no modo de produção capitalista, ao ponto de competir diretamente pelas melhores posições no mercado mundial. O que trazia para cima da mesa o direto confronto com o, até então, todo-poderoso Império Britânico.

O que hoje pode parecer impensável, na altura estava bem vívido nas mentes de quase todos, a possibilidade de uma guerra entre estas duas nações<sup>15</sup>.

É, nesse sentido, que Marx vem apelar em carta enviada ao *National Labour Union of the United States* (União Nacional do Trabalho dos Estados Unidos, 1866-1873) a que os trabalhadores estado-unidenses se inteirem da sua responsabilidade para evitar o deflagrar de uma tamanha guerra<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> Na sequência destes eventos que exigiam que o trabalho diário descesse para as 8 horas – mais tarde uma das principais bandeiras da Internacional –, houve mortes na rua, sindicalistas condenados à morte e a prisão perpétua, chegou a explodir uma bomba no meio de uma manifestação que provocou um tiroteio policial sem contemplanções, entre outras medidas repressivas.

<sup>15</sup> Tensão que terá durado pelo menos até ao que ficou conhecido em 1895 como *The Great Rapprochement*, consistindo numa convergência política, diplomática, militar e económica entre os EUA e a Inglaterra.

<sup>16</sup> A *National Labour Union of the United States* foi a primeira federação nacional sindical de trabalhadores nos EUA, dando ânimo e origem, após a sua dissolução, aos *Knights of Labor* (Cavaleiros do Trabalho, 1869) que entraram em declínio nos anos 90 do mesmo século, e à *American Federation of Labor* (Federação Americana do



O autor lembrava, a propósito, o papel determinante que os trabalhadores ingleses tiveram no passado ao colocar-se do lado dos Estados do Norte e contra a escravidão para impedir uma intervenção britânica a favor dos Estados do Sul (cf. MARX, 1985b [1869]: 53), o que veio a impedir igualmente, a par com os trabalhadores franceses (apesar da sua resposta mais tímida), uma intervenção francesa no mesmo sentido.

Segundo Marx, era o tempo de os trabalhadores daquela imensa nação tomarem uma atitude semelhante. Para Marx estava dado o tempo, ali, como já fora dado na Europa, de os trabalhadores provarem estar na cena da história (*scene of history*) como atores, conscientes do seu papel e responsabilidade, e não servilmente; deviam, portanto, provar estar aptos a comandar a paz onde os outros pretendiam comandar a guerra (cf. MARX, 1985b [1869]: 54).

Aos membros da Internacional dos EUA competia contribuir para estas questões, e, claro, para outras também. Por exemplo, «Por estatuto, o Conselho Geral na *terra dos Yankees* [*Yankeeland*] teve de se relacionar com os yankees em primeiro lugar. [...] [Os socialistas nos EUA] devem procurar ganhar o apoio dos *sindicatos a todo o custo*.» (MARX, 1976a [1871]: 317-318<sup>17</sup>).

O que se veio a revelar um problema mais difícil de se resolver do que à primeira vista poderia parecer, visto que aqueles que se encontravam nos EUA deviam ser os primeiros a atender à transformação da sociedade em que viviam com as peculiaridades desta como pano de fundo, todavia, nem sempre tal foi possível por parte dos socialistas que naquele país se encontravam radicados. Daí as repetidas advertências de Marx e Engels.

Vejamos, Marx, numa carta das mais conhecidas, apesar de apenas publicada já no século XX, veio esclarecer um dos equívocos da secção socialista germânica nos EUA<sup>18</sup>. Esta secção entendia que o Conselho Geral da Internacional mostrava preferência pela burguesia filantropa, pelos sectários e grupos amadores.

O autor esclarecia: a Internacional tinha sido fundada com vista a organizar para a luta os pequenos grupos de socialistas e semi-socialistas. E enquanto a maturidade do movimento não fosse atingida era natural que alguns sectários persistissem (cf. MARX, 1976b [1871]: 328-329).

Na mesma carta o autor frisava que o Conselho Geral não aceitava nos EUA o que combatia na Europa, e nas resoluções do Conselho poderiam ser encontradas todas as armas para combater aqueles. A secção de Nova Iorque tinha as armas legais para o efeito (cf. MARX, 1976b [1871]: 330).

Assaz sintomático do que lá se passava – isto é, nas cabeças dos socialistas germano-americanos –, é a maneira como Marx termina a sua correspondência, o

---

Trabalho) fundada nos anos 80 desse século e fundada nos anos 50 do século XX com a *Congress of Industrial Organizations* (Congresso de Organizações Industriais) – por sua vez fundada nos anos 30 –, hoje conhecida(s) como AFL-CIO.

<sup>17</sup> «Statutengemäß hatte der Generalrat im Yankeeland die Yankees vor allem ins Auge zu fassen. [...] Die Trades Unions müßt Ihr at all costs zu gewinnen suchen.»

<sup>18</sup> Apesar de nem sempre terem sido publicadas em vida, Engels alertava Sorge para um dado muito particular da troca de correspondência entre Marx e este: «A carta que ele te enviou foi escrita, como Marx costumava fazer em tais ocasiões, para subsequente publicação.» - «Der ganze Brief an Dich ist, wie Marx das meist bei solcher Gelegenheit tat, mit Rücksicht auf spätere wörtliche Veröffentlichung geschrieben.» (ENGELS, 1979a [1883]: 45).



revolucionário alemão sente a necessidade de explicar o que é um movimento político (*political movement*), a quem alegadamente já deveria estar farto de saber o que era um (cf. MARX, 1976b [1871]: 332-333 <sup>19</sup>). A palavra de ordem estava lançada: a classe trabalhadora tinha de se organizar.

Dadas estas condições, uns anos mais tarde, Marx destacava em carta enviada a Engels a necessidade de – após os primeiros levantamentos populares e dos trabalhadores contra a oligarquia do capital associado (*associated capital Oligarchie*) nos EUA desde a guerra civil –, ter de se formar um partido, na verdade, com isto se dava a possibilidade de constituir um sério partido da classe trabalhadora, a possibilidade de superar a fragmentação do movimento, sobretudo a que existia nos sindicatos (cf. MARX 1966a [1877]: 59) <sup>20</sup>.

Marx manteve-se até perto do fim da sua vida interessado em aprender mais sobre os EUA <sup>21</sup>, em 1880 pedia a Sorge que lhe enviasse a máxima documentação possível sobre as condições económicas na Califórnia, que, segundo ele, mostrava a uma grande velocidade o processo de centralização capitalista (*kapitalistische Zentralisation*) como em nenhum outro lado (cf. MARX, 1966b [1880]: 478; e, por exemplo, 1962 [1867]: 712 ss.) <sup>22</sup>.

### Entrevista ao Chicago Tribune

A 5 de janeiro de 1879, é publicada no periódico *Chicago Tribune* uma entrevista de Marx. Esta fora realizada pouco antes, no dia 18 de dezembro, em Londres, na casa deste.

No seu contexto, esta entrevista situou-se pouco tempo depois da dissolução da I Internacional, ainda no rescaldo dos acontecimentos revolucionários de Paris

<sup>19</sup> Passamos para aqui apenas um excerto de uma longa passagem: «O movimento político [*political movement*] da classe trabalhadora, é claro, tem como seu fim a conquista do poder político [*political power*] para a sua classe, e isto requer, claro, até um certo ponto, uma organização prévia da classe trabalhadora, o que advém das próprias lutas económicas.» - «Das *political movement* der Arbeiterklasse hat natürlich zum Endzweck die Erobrung der *political power* für sie, und dazu ist natürlich eine bis zu einem gewissen Punkt entwickelte previous Organisation der working class nötig, die aus ihren ökonomischen Kämpfen selbst erwächst..» (MARX, 1976b [1871]: 332).

<sup>20</sup> Se se recorrer às resoluções do Congresso de Haia de 1872, logo após a Comuna, encontrar-se-á a “constituição de um partido da classe trabalhadora (operária)” como uma das principais condições para a condução revolucionária do movimento, tal terá sido uma lição tirada da Comuna. Para uma panorâmica das “lições” deste evento histórico, cf. MARX, 1980 [1871].

<sup>21</sup> Não esqueçamos, por exemplo, as notas de Marx sobre a obra *Ancient Society* do antropólogo Lewis Henry Morgan (1818-1881), onde este recuperava o desenvolvimento das sociedades primitivas dos EUA, e mais tarde aproveitadas por Engels para o seu *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats* (1884).

<sup>22</sup> Seleccionámos um breve excerto para ilustrar *en passant* o processo referido: «A centralização completa a obra da acumulação ao colocar os capitalistas industriais em condições de estenderem a escala das suas operações. Seja este último resultado consequência da acumulação ou da centralização; complete-se a centralização pelo caminho violento da anexação – onde certos capitais se tornam centros de gravidade [*Gravitationszentren*] tão predominantes para outros que quebram a sua coesão individual e atraem então a si os fragmentos individualizados – ou aconteça a fusão de uma massa de capitais já formados, *resp.* em formação, por intermédio do procedimento mais macio da formação de sociedades por ações – o efeito económico permanece o mesmo.» - «Die Zentralisation ergänzt das Werk der Akkumulation, indem sie die industriellen Kapitalisten instand setzt, die Stufenleiter ihrer Operationen auszudehnen. Sei dies letztre Resultat nun Folge der Akkumulation oder der Zentralisation; vollziehe sich die Zentralisation auf dem gewaltsamen Weg der Annexion - wo gewisse Kapitale so überwiegende Gravitationszentren für andre werden, daß sie deren individuelle Kohäsion brechen und dann die vereinzelt Bruchstücke an sich ziehn – oder geschehe die Verschmelzung einer Menge bereits gebildeter, *resp.* in der Bildung begriffener Kapitale vermittelst des glatteren Verfahrens der Bildung von Aktiengesellschaften – die ökonomische Wirkung bleibt dieselbe.» (MARX, 1962 [1867]: 656).

(tema que será abordado na entrevista) e poucos anos antes do falecimento de Marx, contava então 60 anos.

No que ao nosso tema diz respeito, registamos a ênfase dada pelo autor às plataformas nacionais, inclusive à estado-unidense, que se focavam nas peculiaridades do seu escopo de ação (cf. MARX, 1989 [1879]: 572).

Não havia, por conseguinte, nenhuma instituição extranacional que comandasse o movimento de qualquer nação. Aliás, Marx lembrava que a Internacional também não o havia feito no seu tempo, exceto quando os respetivos movimentos socialistas ainda se encontravam demasiado fracos para andar pelos seus próprios pés (cf. MARX, 1989 [1879]: 575).

À questão muito levantada na altura – sobre se o socialismo teria sido uma importação da Europa para os EUA, dado que se entendia em vários círculos de que não existia naquelas terras condições capitalistas como as do velho continente –, Marx responde:

Na América, somente a partir de 1857 é que o movimento dos trabalhadores se torna visível. Então os sindicatos começaram a florescer; então formaram-se as assembleias de sindicatos, nas quais os trabalhadores de diferentes indústrias se uniram; e depois vieram os sindicatos nacionais. Se considerar [dirige-se ao entrevistador] esse progresso cronológico, verá que o socialismo surgiu naquele país sem a ajuda de estrangeiros, e foi causado apenas pela concentração de capital [*concentration of capital*] e pelas relações alteradas entre os trabalhadores e os seus empregadores. (MARX, 1989 [1879]: 573) <sup>23</sup>.

Marx não podia ser mais veemente, o socialismo não era uma ideia que se exportasse, mas uma condição real dado um determinado desenvolvimento propiciado pelas relações capitalistas de produção <sup>24</sup>. Se nos EUA a roda da história girava no sentido de um sistema capitalista cada vez mais desenvolvido, cada vez mais semelhante à/e competidor da Europa, então não havia como o socialismo não se apresentar enquanto possibilidade naquela nação.

Sem deixar de reconhecer as suas peculiaridades, é como se Marx desferisse uma violenta estocada no “mito do excecionalismo americano” – a ideia de que os EUA seriam uma nação em qualitativamente diferente de todas as outras <sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> «In America, only since 1857 has the labor movement become conspicuous. Then Trades Unions began to flourish; then Trades-Assemblies were formed, in which the workers in different industries united; and after that came National Labor Unions. If you consider this chronological progress, you will see that Socialism has sprung up in that country without the aid of foreigners, and was merely caused by the concentration of capital and the changed relations between the workmen and their employers.»

<sup>24</sup> Atenção, não se entenda com isto que a possibilidade de socialismo esteja apenas confinada aos países que apresentam um avançado desenvolvimento capitalista. Marx concebeu-o de diversos modos apesar dos imensos mal-entendidos (cf. por exemplo, ANDERSON, 2010: 154 ss.).

<sup>25</sup> Por vezes o atendimento de Marx às situações particulares, às especificidades, de uma nação, o que noutros lugares é entendido pelo autor como a formação económica da sociedade (*ökonomische Gesellschaftsformation*), foi confundido com a aceitação do “excecionalismo” (*exceptionalism*, cf. WOLFE, 1934: 5-7). Se com justiça se dizia que os germano-americanos ignoraram por completo as peculiaridades daquela nação, por outro lado, ignorava-se que as leis gerais da sociedade (de uma determinada maneira de produzir as condições para o viver humano) agiam de forma semelhante em diferentes nações. Incompreensão que às vezes está na base de confusões, como, por exemplo, quando Marx fala acerca da possibilidade de uma transformação da sociedade nos EUA e em Inglaterra sem se ter de recorrer a uma insurreição como na Europa central (cf. MARX, 1986 [1871]: 602) e daí se retira uma solução permanente ou a todas as nações adaptável. Todavia, Marx apenas o considerou como uma

## Engels: a origem e as condições do movimento

### Origem e condições

Após o falecimento do seu companheiro, coube a Engels organizar os manuscritos e esboços de Marx que tinham na mira a publicação, desde os Livros II e III de *Das Kapital* a uma série de outros textos, inclusive reedições <sup>26</sup>.

Coube ainda a Engels o grosso da correspondência e das solicitações para aconselhamento sobre e para o movimento socialista internacional.

A maior parte das suas reflexões (a maior parte das vezes comentários) sobre os EUA surgem após a morte de Marx. Não obstante, com este ainda vivo, Engels lança um artigo no periódico italiano *La Plebe*, a 22 de janeiro de 1879, intitulado: *Sul movimento socialista in Germania, Francia, Stati Uniti e Russia*. Neste, o autor destacava, *inter alia*, a greve dos trabalhadores dos caminhos de ferro nos EUA – que havia sido dispersa de maneira sangrenta – como um evento marcante, um evento que faria época (*un evento che farà epoca*, cf. ENGELS, 1985 [1879]: 120).

Este foi um acontecimento debatido com o seu companheiro e, na esteira de Marx, competiu a Engels destacar publicamente a necessidade e a possibilidade da formação de um partido da classe trabalhadora nos EUA.

Embora não se encontrasse neste acontecimento a origem do movimento dos trabalhadores estado-unidense, e ainda menos as causas que os levaram a ter de se organizar, agora se gizava mais claramente a necessidade de uma organização e da insistência na luta, quer fosse pelas greves ou por outros métodos.

No entanto, o caminho não era fácil, pois os estado-unidenses estavam imbuídos de um sentimento “puramente” (*rein*) burguês, eram “ultraconservadores” (*urkonservativ*) como Engels lembrava; bem como estes não haviam passado por um período feudal, a colonização do território já fora realizada pela burguesia, e assim terá ficado (não permanentemente, mas assaz arreigada) a ideia de que todos os indivíduos podiam possuir um pedaço de terra para si, tal como os primeiros colonos (cf. ENGELS, 1967d [1890]: 353). A fluidez de classe, por vezes menos real do que seria de esperar ou do que era propagandeada naquela nação, tornara-se uma espécie de credo.

Do mesmo modo não ajudava o facto de o país ser maioritariamente constituído por imigrantes e, além disso, já ter uma classe de trabalhadores ditos nativos (*native*), isto é, imigração, pelo menos, de segunda e terceira geração em diante. Pois estes, que aqui e ali já haviam passado pelo pior, mas que se encontravam agora mais *estáveis*, apresentavam uma espécie de “atitude aristocrática” (*aristokratische Stellung*), não facilitando para a nova imigração a

---

possibilidade enquanto estas nações não atingiram o nível de burocratização e de organização militar semelhante ao das congêneres europeias, daí que não voltasse a sugerir tal via “pacífica”. Atente-se, mesmo esta não excluía meios coercivos, bem como uma via “não pacífica” não implicava violência gratuita, etc. É, pois, importante não se confundir peculiaridade e até “exceção” com algum carácter mistificado (subjetivo, atomizado, etc.) do que possa haver de diferente.

<sup>26</sup> O Livro primeiro de *Das Kapital* foi publicado ainda em vida por Marx, em 1867, sujeito a alterações realizadas pelo próprio com vista a outras publicações, inclusive noutras línguas, o Livro II foi publicado em 1885 e o Livro III em 1894, sob a responsabilidade do seu companheiro.

---

ANTUNES, Paulo Fernando Rocha. Marx, Engels e o movimento dos trabalhadores nos EUA: um contributo para a compreensão da concepção materialista da história. *Griot : Revista de Filosofia*, Amargosa – BA, v.19, n.2, p.51-70, junho, 2019.

entrada nos sindicatos; somente uma porção reduzida desta entrava nestes sindicatos ditos “aristocratas” (cf. ENGELS, 1979h [1892]: 313-314). Existia uma evidente estratificação da classe.

Ademais, para Engels, como na Europa, nos EUA a política já se tinha provado como um negócio de comércio (*Handelsgeschäft*), porquanto uma república burguesa não seria mais do que uma república dos homens de negócios capitalistas (um dos exemplos que o autor dá é o do “escândalo do Panamá”, cf. ENGELS, 1979i [1892]: 563; curiosa semelhança com factos mais recentes; e, embora a coincidência seja mais especificamente com o país em causa, o carácter corrupto mantém-se), o que não contribuía para o maior envolvimento das massas.

Conquanto, havia lugar a otimismo. No apêndice à sua obra – então traduzida para *The Condition of the Working Class in England in 1844* –, Engels vai afirmar que a tendência do sistema capitalista para dividir a sociedade em duas classes distintas, de um lado alguns milionários, e, do outro, uma vasta maioria de trabalhadores assalariados, permitia maior vigor e consciência da parte destes (cf. ENGELS, 1990a [1887]: 403), a crescente divisão devia clarificar as relações vigentes.

Para todos os efeitos, de acordo com o autor alemão, existia uma grande semelhança, *mutatis mutandis*, entre os EUA já perfeitamente capitalistas e a Europa de 1848, inclusive com a Alemanha coetânea, só que nos EUA as coisas deveriam andar mais depressa, dadas as circunstâncias particulares daquela nação (cf. ENGELS, 1979 [1886]: 579) <sup>27</sup>.

### ***Práticos, não teóricos***

Engels vê-se muitas vezes obrigado a realçar o lado *prático* dos estado-unidenses, como estes eram a maior parte das vezes avessos a questões mais teóricas <sup>28</sup>. O que se refletia no movimento dos trabalhadores, logo no próprio movimento socialista, pois que «[...] é precisamente do carácter do movimento americano que todos os erros tenham de ser sofridos praticamente.» (ENGELS, 1979a [1883]: 47 <sup>29</sup>).

Engels lamentava, por conseguinte, que nos EUA faltasse a clareza teórica já atingida na Europa, no que ao movimento dos trabalhadores dizia respeito, mas reconhecia outrossim que tal não era possível por motivos óbvios, ou melhor, era historicamente impossível (*historisch unmöglich*, cf. ENGELS, 1979a [1883]: 47),

<sup>27</sup> Aparentemente havia bons motivos para se crer na enorme velocidade a que as coisas se desenvolviam nos EUA: «Dez meses se passaram desde que, a pedido do tradutor, escrevi o Apêndice deste livro; e durante estes dez meses, realizou-se uma revolução na sociedade americana, como em qualquer outro país, teria levado pelo menos dez anos.» - «Ten months have elapsed since, at the translator's wish, I wrote the Appendix to this book; and during these ten months, a revolution has been accomplished in American society such as, in any other country, would have taken at least ten years.» (ENGELS, 1990 [1887]: 434). Engels dizia-o a propósito dos acontecimentos que rodearam o mês de maio de 1886.

<sup>28</sup> Entre outras coisas, porventura aqui, no que a uma maior propensão para as questões mais práticas – entenda-se mais propriamente do que é empírico –, venha a residir o pasto que fertilizou o dito *pragmatismo*, e, no que concerne mais ao nosso tema, o “socialismo pragmatista”; cf., para um dos exemplos mais flagrantes, WALLING, 1913. O que merece uma outra investigação a ter lugar noutros espaços.

<sup>29</sup> «[...] Aber das ist ja grade der Charakter der amerikanischen Bewegung, daß alle Irrtümer praktisch durchgemacht werden müssen.»

visto que os EUA apenas então chegavam às relações capitalistas avançadas e à atividade política (e revolucionária) concernente.

Em 1886, o autor destacava como um dos grandes eventos do ano a entrada das massas trabalhadoras nativas nas greves pelas 8 horas de trabalho diário, mas reconhecia novamente que este grande movimento havia de ter de aprender com os seus próprios erros (cf. ENGELS, 1979b [1886]: 477-478).

O autor havia de o repetir várias vezes, tanto a aprendizagem pelos próprios erros, como a deficiência teórica em detrimento de uma determinada prática (cf., mais uma vez, por exemplo, ENGELS, 1995b [1886]: 541; e, 1979e [1887]: 704, respetivamente):

Isso também não será poupado aos trabalhadores; a confusão das *Trades Unions* [sindicatos], dos socialistas, dos *Knights of Labor*, etc., persistirá por algum tempo, e somente através dos seus próprios infortúnios eles tornar-se-ão mais sábios. Mas o principal é que eles estão agora em movimento [*daß sie in Bewegung*], que estão realmente a progredir e que o feitiço foi quebrado; as coisas vão-se mover rapidamente, mais rápido do que em qualquer outro lugar, mesmo que o rumo que adotem possa parecer quase louco do ponto de vista teórico. (ENGELS, 1979c [1886], 533)<sup>30</sup>.

Todavia, no fim de contas, como já referido, não deixa de sobressair um otimismo no papel da classe trabalhadora estado-unidense, pois o mais importante era o facto de se *mover*, o resto havia de vir com a experiência<sup>31</sup>.

Porventura, o desprezo pela teoria, em particular pela teoria revolucionária, proviesse de esta ter sido vista como exclusivamente ligada às condições europeias (a isto subjazia a ideia de uma aplicação formal de uma determinada experiência a uma realidade distinta, já vamos ver melhor de onde proveio), mas, por ironia, também pode ser devido a terem levado demasiado à letra a questão da *importância do movimento*, esquecendo a teoria que o deve acompanhar.

## Engels: da necessidade de um partido à dificuldade da sua implementação

### Do movimento ao partido...

Vejamos, agora com maior detalhe, como é realçada a necessidade de um partido da classe trabalhadora. O que pode soar a ladainha ou a justificação da própria existência pela parte de um partido ou movimento do tipo, ao invés, trata-se de uma questão fundamental para a *conceção materialista da história*: a revolução proletária não pode ser realizada senão por proletários e a sua organização não pode ser espontânea.

---

<sup>30</sup> «Das wird auch den Arbeitern nicht erspart bleiben, die Konfusion der Trades Unions, Sozialisten, Knights of Labor usw. wird noch einige Zeit vorangehn, und erst durch Schaden werden sie klug werden. Aber die Hauptsache ist, daß sie in Bewegung gekommen sind, daß es überhaupt vorangeht, daß der Bann gebrochen ist, und rasch wird's auch gehn, rascher als irgendwo anders, wenn auch auf einem aparten, vom theoretischen Standpunkt aus fast verrückt erscheinenden Weg.»

<sup>31</sup> O que não se trata de um otimismo fantasista, utópico e/ou iludido, mas, estamos convictos, de um otimismo que procurava assentar arraiais no mais firme solo do real, isto é, no desenvolvimento histórico-social por via de uma análise dialética e material.

A 29 de novembro de 1886, Engels escrevia a Sorge o seguinte:

Num país que entrou recentemente no movimento, o primeiro passo realmente crucial é a constituição dos trabalhadores como partido político independente [*selbständige politische Partei*], não importa como, desde que seja distinguível como um partido do trabalho [*Arbeiterpartei*]. (ENGELS, 1979d [1886]: 579 <sup>32</sup>).

Na altura, o principal problema não era haver falta de movimento, de agitação entre os trabalhadores e maior consciencialização, em vez disso o problema parecia residir na grande dispersão que a sua atividade reivindicativa, mas também revolucionária, parecia registar.

Os trabalhadores estado-unidenses encontravam-se organizados em vários sindicatos – aliás, o movimento assemelhava-se mais propriamente ao movimento de um sindicato (cf., por exemplo, ENGELS, 1967c [1889]: 320) –, uns de maior e outros de menor expressão, sem grande ligação uns aos outros; organizavam-se em diversas secções socialistas a maior parte das vezes interpretando a realidade nacional cada uma à sua maneira; bem como tudo o que se apresentava como partido não era mais do que uma pequena facção aqui ou ali ou algo que formal e praticamente não era bem um partido.

Estas eram questões que já haviam preocupado Marx e agora perseguiram o seu companheiro. Um mês depois Engels voltava a repetir, mas desta feita a Kelley-Wischnewetzky:

Um milhão ou dois de votos dos trabalhadores em novembro próximo, para um autêntico [*bona fide*] partido operário, vale infinitamente mais do que cem mil votos numa plataforma doutrinariamente perfeita. [...] Mas qualquer coisa que possa atrasar ou impedir a consolidação nacional do partido dos trabalhadores – seja qual for a plataforma, devo considerar um grande erro, [...]. (ENGELS, 1995b [1886]: 541-542 <sup>33</sup>).

Todos os atrasos e contratempos que se opusessem à formação de um partido que unisse os trabalhadores estado-unidenses apenas podiam encontrar as maiores críticas da parte do autor <sup>34</sup>.

Não obstante o pendor crítico que já anunciámos vir a cair sobre os socialistas germano-americanos (a desenvolver no próximo subponto), Engels não deixou de ver neles, isto é, na sua organização – no *Socialist Labor Party*, mais conhecido por *German-American Socialist Labor Party* (Partido Socialista do Trabalho Germano-

<sup>32</sup> «Der erste Schritt, worauf es in jedem neu in die Bewegung eintretenden Land ankommt, ist immer die Konstituierung der Arbeiter als selbständige politische Partei, einerlei wie, solange es nur eine distinkte Arbeiterpartei ist.»

<sup>33</sup> «A million or two of working-men's votes next November for a bona fide working-men's party is worth infinitely more at present than a hundred thousand votes for a doctrinally perfect platform. [...] But anything that might delay or prevent that national consolidation of the working-men's party – on no matter what platform – I should consider a great mistake, [...]».

<sup>34</sup> Nas suas críticas nem o amigo Joseph Dietzgen (1828-1888) escapou, especialmente a sua conduta na direção socialista em Nova Iorque (cf. ENGELS, 1979c [1886]: 532).



americano) – a possibilidade, devido à sua experiência revolucionária na Europa, de servirem de alavanca para a organização de um partido nacional nos EUA <sup>35</sup>.

Mas ainda só tinha passado um ano e Engels é o mesmo que vai dizer que o “partido germânico” devia acabar, pois havia-se tornado o pior obstáculo (*schlimmste Hindernis*) para a concretização do tal partido nacional tão necessário aos trabalhadores estado-unidenses <sup>36</sup>.

### ***O papel dos socialistas germano-americanos***

Vejamos, finalmente, com maior detalhe o papel dos socialistas germano-americanos, como o acabaram por desempenhar naquele período histórico nos EUA.

Engels, já em 1882 – com o seu companheiro ainda vivo –, começara a vangloriar-se do desaparecimento dos lassalleanos na Alemanha, dada a imigração destes para os EUA. Por sinal, o autor não se mostrava preocupado com o enxameamento do movimento socialista daquele lado do Atlântico por parte dos lassalleanos, pois estava convicto de que estes deveriam “desaparecer depressa”, como tem sido dito, uma vez que lá tudo era mais rápido (cf. ENGELS, 1967a [1882]: 332-333).

Apesar disso, a verdadeira felicidade (*wahres Glück*) pela sua decadência parece ter vindo apenas aproximadamente uma década mais tarde (cf. ENGELS, 1967d [1890]: 553). Registe-se ainda que sua decadência do grupo germânico não advinha apenas pelo seu lassalleanismo, mas também pela sua arrogância (intelectual, entre outras coisas) que até então os caracterizava.

No entanto, o problema não havia de residir somente no que de Ferdinand Lassalle (1825-1864) aqueles germano-americanos haviam herdado <sup>37</sup>. Os problemas

<sup>35</sup> «Pois, como eu disse antes, não pode haver dúvida de que a plataforma suprema [*ultimate platform*] da classe trabalhadora americana deve e será essencialmente a mesma adotada por toda a classe operária militante da Europa, a mesma que a do Partido Socialista do Trabalho Germano-americano. Até agora, este grupo é chamado a desempenhar um papel muito importante no movimento. Mas, para isso, terão de retirar todo o remanescente do seu traje estrangeiro [*foreign garb*]. Eles terão de se tornar americanos. Eles não podem esperar que os americanos venham até eles; eles, a minoria e imigrantes, devem ir ao encontro dos americanos, que são a grande maioria e os nativos. E para fazer isso, eles devem, acima de tudo, aprender inglês.» - «For, as I said before, there cannot be any doubt that the ultimate platform of the American working class must and will be essentially the same as that now adopted by the whole militant working class of Europe, the same as that of the German-American Socialist Labor Party. In so far this party is called upon to play a very important part in the movement. But in order to do so they will have to doff every remnant of their foreign garb. They will have to become out and out American. They cannot expect the Americans to come to them; they, the minority and the immigrants, must go to the Americans, who are the vast majority and the natives. And to do that, they must above all things learn English.» (ENGELS, 1990b [1887]: 440). O distanciamento era tal que nem a língua inglesa queriam aprender.

<sup>36</sup> «Como tal, o partido alemão de lá [dos EUA] tem de ir à falência; tornou-se o pior obstáculo. Os trabalhadores americanos irão bem, mas, assim como os ingleses, seguirão o seu próprio caminho. Tu não podes impor a teoria sobre eles desde o início, mas eles logo a considerarão como resultado da sua própria experiência, dos seus próprios erros e das consequências indesejáveis – e, então, ficará *all right* [tudo bem].» - «Die deutsche Partei drüben, als solche, muß kaputtgehen, sie wird das schlimmste Hindernis, die amerikanischen Arbeiter kommen schon, aber sie gehen ganz wie die Engländer ihren eignen Weg. Man kann ihnen die Theorie nicht von vornherein einpauken, aber ihre eigne Erfahrung und ihre eignen Böcke und die schlimmen Folgen daraus werden sie schon mit der Nase auf die Theorie stoßen – und dann all right.» (ENGELS, 1967e [1890]: 341-342).

<sup>37</sup> Lassalle considerava-se marxista, mas acabou a defender posições conciliatórias com o poder burguês dominante, mesmo próximas a Bismarck. A sua interpretação socialista estava pejada de preconceitos pequeno-burgueses por diversas vezes denunciados por Marx e Engels, o que não o impediu de exercer uma enorme influência no movimento socialista alemão.



seriam bem mais profundos. Daí que Engels se questionasse a dada altura pela atitude acrítica tomada pelas associações germânicas em relação ao movimento dos trabalhadores estado-unidense (cf. ENGELS, 1967b [1882]: 388) <sup>38</sup>.

O principal problema dos germano-americanos parece ter sido a maneira como interiorizaram a teoria, pois eles não a haviam interpretado como um guia para a ação (*Anleitung zum Handeln*), mas como um credo <sup>39</sup>. O que os levava a uma espécie de aplicação mecânica dos ensinamentos do movimento europeu.

A isto os estado-unidenses deverão ter respondido com a máxima aversão, pelo menos no que à teoria dirá respeito, uma vez que parecia que os socialistas vindos da Europa queriam *aplicar*, sem mais, a teoria que traziam do velho continente ao novo. “Dogmatismo”, “espírito de seita” e “mecanicismo teórico”, tudo sintomas que aqueles socialistas revelaram e que Engels denunciou à saciedade (cf., por exemplo, ENGELS, 2001a [1887]: 8-9; e, 2001b [1887]: 15-16).

O autor estava, com efeito, cansado de advertir contra a solenidade dogmática (*alleinseligmachendes Dogma*) com que os germano-americanos brindavam os nativos e restante imigração nos EUA (cf. ENGELS, 1995b [1886]: 541). É, pois, com efeito, significativo que Engels chame a atenção para aqueles que teriam erigido o marxismo a uma ortodoxia, e que, desse modo, o fizessem ser aprendido de cor (como um roteiro), tornando-se uma pura seita (*pure Sekte*); e é ainda mais significativo que o aponte, em Inglaterra, aos ingleses que faziam parte do movimento local e, nos EUA, aos germano-americanos (cf. ENGELS, 1979f [1891]: 112).

Por isso, não surgirá por acaso a advertência de Engels, expressa em mais uma carta a Sorge, de que a propósito de uma eventual liquidação do partido socialista alemão nos EUA

[...] os doutrinários convencidos alemães [que] por lá [andam] certamente não ficarão ansiosos de desistir da sua posição como tutores autônomos dos americanos “imatuross” [*unreifen Amerikanern*]. Caso contrário, eles seriam um nada [*nichts*] completo. (ENGELS, 1967c [1889]: 320 <sup>40</sup>).

Uma das últimas referências de Engels ao papel dos socialistas germano-americanos nos EUA data de 1893, sensivelmente dois anos antes de falecer, e aqui

<sup>38</sup> Não é por acaso que nesta carta dirigida a Eduard Bernstein (1850-1932), Engels vá lembrar o que Marx havia dito acerca da interpretação francesa em voga sobre a sua concepção, se aquilo é marxismo, «o que é certo é que eu [Marx] não sou marxista.» - «*Ce qu'il y a de certain c'est que moi, je ne suis pas Marxiste.*» (ENGELS, 1967b [1882]: 388). Certamente o mesmo se há de aplicar à interpretação teórica, mas acima de tudo à sua prática, dos socialistas germano-americanos.

<sup>39</sup> Recupera-se e traduz-se uma das presentes epígrafes: «Os alemães não perceberam como usar a sua teoria para alavancar o que poderia colocar as massas americanas em movimento; eles próprios, na maioria das vezes, não compreendem a teoria e tratam-na de maneira doutrinária e dogmática [*doktrinär und dogmatisch*] como algo que, tendo sido aprendido de cor, é suficiente, pois significa qualquer e toda necessidade. Para eles é um credo, não um guia para a ação.» - «Die Deutschen haben nun einmal nicht verstanden, von ihrer Theorie aus den Hebel anzusetzen, der die amerikanischen Massen in Bewegung setzen konnte; sie verstehen die Theorie größtenteils selbst nicht und behandeln sie doktrinär und dogmatisch als etwas, das auswendig gelernt werden muß, dann aber auch allen Bedürfnissen ohne weiteres genügt. Es ist ihnen ein Credo, keine Anleitung zum Handeln.» (ENGELS, 1979d [1886]: 578).

<sup>40</sup> «So gut wird's nicht, daß die „Sozialistische Arbeiter-Partei“ liquidiert. [...] die eingebildeten doktrinären Deutschen dort haben sicher keine Lust, ihre angemaßte Lehrerstelle bei den „unreifen“ Amerikanern aufzugeben. Sie wären sonst gar nichts.»

desabafava uma última vez: a qualidade dos germano-americanos por regra não era a melhor, todos aqueles que chegavam aos EUA pareciam querer destruir tudo o que havia sido conquistado e fazer com que tudo começasse a partir da sua chegada (cf. ENGELS, 1968 [1893]: 173). Enfim, estes socialistas alemães apresentavam-se, cada um deles, como o salvador da classe trabalhadora, vindo da Europa para guiar as massas trabalhadoras estado-unidenses até ao socialismo.

Apesar de tudo, Engels registava que independentemente dos erros e do borrão (*Borrmrthdt*) dos líderes do movimento, o que era certo é que os trabalhadores estado-unidenses encontravam-se em movimento (cf. ENGELS, 1995a [1886]: 452); convicção que o terá acompanhado até ao fim, ainda que soubesse e tivesse propugnado e procurado contribuir para que o movimento se constituísse em algo mais, em vez de apenas alguma *coisa* que se move <sup>41</sup>.

## Conclusão

Chegados em boa hora para concluir, passemos em revista os principais pontos destacados (e a destacar) deste cosimento meio avulso do que se deu conta *passim* nos escritos (sobretudo epistolares) de Marx e Engels.

Os dois revolucionários alemães foram prontos a notar, quicá prematuramente, a rápida mudança a que os EUA estavam, de certa maneira, condenados, dadas as transformações sociais que vivenciavam. A lembrar: o fim da escravatura e a ascensão industrial, a par das relações capitalistas de produção.

Este período histórico de real entrada na cena histórica dos próprios EUA, circunscrito na segunda metade do século XIX, coincidiu com diversas ondas de repressão na Europa, a primeira ainda no final da primeira metade daquele século – com o seu ápice em 1848 –, exilando diversos socialistas do outro lado do Atlântico, e, a segunda vaga (ou pelo menos a mais significativa a seguir àquela), logo depois e a propósito da Comuna, exilando uma série de outros revolucionários.

Entre estes destacam-se sobretudo os alemães <sup>42</sup>. Estes não apenas haviam experienciado as convulsões europeias da época, como haviam, em alguns casos, fundado um Partido na Alemanha <sup>43</sup> e sobrevivido à repressão de Bismarck. Como já referimos (cf. nota 6), não foi por acaso que, ao atravessar o oceano, a direção do Conselho Geral da Internacional ficara a cargo de um alemão – Sorge.

É com estas questões presentes que o contributo de Marx – e assim para e da *conceção materialista da história* – parece ficar um pouco esbatido.

Quer dizer, o autor não teve tempo para se debruçar com maior atenção sobre o que se passava nos EUA. Não obstante, o geral e mais relevante da sua obra parece ecoar naqueles territórios: quando Marx analisa o capitalismo, mesmo que a partir de uma experiência europeia, e destaca o facto de o socialismo não ser nenhuma

<sup>41</sup> Várias décadas mais tarde, já em pleno século XX, nos anos 30, ainda havia quem acusasse os socialistas germano-americanos de serem um problema para o movimento dos trabalhadores estado-unidense (cf. WOLFE, 1934: 20).

<sup>42</sup> Por exemplo, Joseph Weydemeyer (1818-1866), um dos companheiros de Marx e Engels, igualmente um revolucionário socialista alemão, e emigrado nos EUA, chegou a ser promovido Coronel nas forças da União durante a Guerra Civil.

<sup>43</sup> Trata-se do *Sozialdemokratische Partei Deutschlands*, fundado a partir de outros dois, em 1875.

importação dos socialistas estado-unidenses, ele acaba por estender a sua reflexão acerca das relações capitalistas de produção àquele lado do Atlântico.

Entenda-se, e como por vezes se alertou, que tal feito não constitui nenhuma colagem, ainda menos mecânica, de realidades distintas, como, por exemplo, chegou a ser apanágio dos socialistas germano-americanos. Sobre esta postura o autor teve uma palavra a dizer, embora o grosso da questão tenha ficado a cargo de Engels.

Foi este quem mais escreveu acerca destes assuntos, como se deu conta.

Engels denunciou a falta de tato teórico dos estado-unidenses e ao mesmo tempo elucidou como o dogmatismo doutrinário dos socialistas germano-americanos terá contribuído para o seu isolamento.

A questão de uma prática (num sentido empírico, mais do que outra coisa), em desfavor da teoria, como a que se dava conta nos EUA não deixava de ser, como o autor pretendia chamar a atenção, *movimento*. Porém, como ele e o seu companheiro fizeram questão de não deixar esquecer a propósito desta nação, mas das outras também, o movimento por si só não bastava, ainda que fosse algo a ter em conta (e pelo menos isso valia qualquer coisa).

O que nos leva a destacar um último aspeto: porventura este movimento da classe trabalhadora nos EUA – devidamente enquadrado por via das novas circunstâncias sociais e económicas vividas –, meio cego, mais espontâneo do que outra coisa, fosse propenso às tendências registadas pela maior parte dos alemães com responsabilidades políticas, o que podia contribuir para que estes (já de si não sendo “por regra os melhores”) se sentissem como “guias” naturais daquelas bandas (dada a sua experiência na Europa) <sup>44</sup>.

Enfim, com vista a terminar, e porque se anunciou que a reflexão presente contribuía, de alguma maneira, para a compreensão da *conceção materialista da história*, podemos dizer que o faz na medida em que, no que diz respeito à sua perspectiva política, se destaca a questão da importância de um partido da classe trabalhadora.

O movimento realmente, na ótica de Marx e Engels, não pode *ser tudo*, era necessária uma organização que o conduzisse de certa maneira, que o instruisse dos objetivos, sem se constituir em “dono” daquele <sup>45</sup>.

A reflexão destes dois autores pode ser, além de questões meramente teóricas, bastante atual – daí o enfoque nas questões de estratégia político-partidária –, pois que os partidos que se reclamam da classe trabalhadora hoje são, apesar de tudo, bem mais do que na segunda metade do século XIX, mas, por outro lado, bem menos expressivos do que na segunda metade do século XX.

---

<sup>44</sup> Havia, claro, uma certa incompreensão do que era dito por Marx, por exemplo, e recorrendo à nossa epígrafe ainda por traduzir: «As classes trabalhadoras movem-se espontaneamente, sem saber quais os fins do movimento. Os socialistas não inventam movimento algum, mas dizem meramente aos trabalhadores qual o seu caráter e os seus fins.» - «The working classes moved spontaneously, without knowing what the ends of the movement will be. The Socialists invent no movement, but merely tell the workmen what its character and its ends will be.» (MARX, 1989 [1879]: 573). Porquanto, segundo fica exposto, o papel dos socialistas não é guiar, pura e simplesmente, mas consciencializar a partir do movimento e não de fora para dentro; bem como o que há de espontâneo no movimento não é nenhuma condição permanente.

<sup>45</sup> O que veio a ser invertido celeberramente por um dos seus discípulos e responsável teórico da imensa onda de *revisão* da doutrina marxista – Bernstein. Para este autor o “objetivo final” não era nada. Aqui se alimentou e alimenta parte substancial da atitude reformista (*grosso modo*, crença de que o sistema capitalista se pode ir reformando, sem convulsões, até ao – ou não – socialismo), entronizando, precisamente, o movimento.

Engels desabafava a Sorge, em 1891, que o movimento nos EUA ia muito abaixo nos períodos de refluxo, que, com esses trabalhadores, era uma longa sucessão de altos e baixos (*ups and downs*) das lutas; tratava-se pois de se perceber que cada novo momento “baixo” mantinha sempre um pouco mais do que havia de antes (cf. ENGELS, 1979g [1891]: 182), por conseguinte, não valia a pena quedar-se em desânimo.

**Referências:**

- ANDERSON, Kevin B. *Marx at the margins: on nationalism, ethnicity, and non-western societies*. Chicago-London: The University of Chicago Press, 2010.
- ENGELS, Friedrich. *Die Lage der arbeitenden Klasse in England. Nach eigener Anschauung und authentischen Quellen. Marx-Engels Werke* (doravante: MEW). Berlin: Dietz Verlag; 1962 [1845], vol. 2, pp. 225-506.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 20. Juni”. MEW; 1967a [1882], vol. 35, pp. 332-333.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Eduard Bernstein, 2/3. November”. MEW; 1967b [1882], vol. 35, pp. 386-390.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 7. Dezember”. MEW; 1967c [1889], vol. 37, pp. 320-323.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 8. Februar”. MEW; 1967d [1890], vol. 37, pp. 352-355.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Hermann Schlüter, 11. Januar”. MEW; 1967e [1890], vol. 37, pp. 340-342.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 2. Dezember”. MEW; 1968 [1893], vol. 39, pp. 172-174.
- ENGELS, Friedrich. *The Condition of the Working-Class in England. From Personal Observation and Authentic Sources*. Translated by Florence Kelley-Wischnewetzky. *Marx-Engels Collected Works* (doravante: MECW). London-New York: Lawrence & Wishart-International Publishers; 1975 [1887], vol. 4, pp. 295-596.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 29. Juni”. MEW; 1979a [1883], vol. 36, pp. 45-47.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 29. April”. MEW; 1979b [1886], vol. 36, pp. 476-480.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 16/17. September”. MEW; 1979c [1886], vol. 36, pp. 532-534.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 29. November”. MEW; 1979d [1886], vol. 36, pp. 578-581.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 16. September”. MEW; 1979e [1887], vol. 36, pp. 704-705.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 10. Juni”. MEW; 1979f [1891], vol. 38, pp. 111-112.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 24. Oktober”. MEW; 1979g [1891], vol. 38, pp. 182-184.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Hermann Schlüter, 30. März”. MEW; 1979h [1892], vol. 38, pp. 313-315.
- ENGELS, Friedrich. “Brief an Friedrich Adolph Sorge, 31. Dez.”. MEW; 1979i [1892], vol. 38, pp. 560-565.
- ENGELS, Friedrich. “Sul movimento socialista in Germania, Francia, Stati Uniti e Russia”. *Marx-Engels Gesamtausgabe* (doravante: MEGA<sup>2</sup>). Berlin: Dietz Verlag; 1985 [1879], I, vol. 25, pp. 119-121.
- ENGELS, Friedrich. Appendix [to the american edition of *The Condition of the Working Class in England*]. MECW; 1990a [1887], vol. 26, pp. 399-405.
- ENGELS, Friedrich. The Labor Movement in America [Preface to the American Edition of *The Condition of the Working Class in England*]. MECW; 1990b [1887], vol. 26, pp. 434-442.
- ENGELS, Friedrich. “Letter to Florence Kelley-Wischnewetzky, June 3”. MECW; 1995a [1886], vol. 47, pp. 451-452.

- ENGELS, Friedrich. "Letter to Florence Kelley-Wischnewetzky, December 28". MECW; 1995b [1886], vol. 47, pp. 540-542.
- ENGELS, Friedrich. "Letter to Florence Kelley-Wischnewetzky, January 27". MECW; 2001a [1887], vol. 48, pp. 8-9.
- ENGELS, Friedrich. "Letter to Florence Kelley-Wischnewetzky, February 9". MECW; 2001b [1887], vol. 48, pp. 15-20.
- JOHNSON, Oakley C. *Marxism in United States history before the Russian Revolution (1876-1917)*. New York: A.I.M.S. by Humanities Press, 1974.
- MARX, Karl. *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie*. MEW; 1962 [1867], vol. 23.
- MARX, Karl. "Brief an Engels, Jul. 25", MEW; 1966a [1877], vol. 34, pp. 59-62.
- MARX, Karl. "Brief an Friedrich Adolph Sorge, 5. November". MEW; 1966b [1877], vol. 34, pp. 474-478.
- MARX, Karl. "Brief an Engels, 11. January". MEW; 1974 [1860], vol. 30, pp. 5-7.
- MARX, Karl. "Brief an Carl Speyer, 10. November, 1871". MEW; 1976a [1871], vol. 33, pp. 317-318.
- MARX, Karl. "Brief an Friedrich Bolte, 23. November, 1871". MEW; 1976b [1871], vol. 33, pp. 327-333.
- MARX, Karl. *The civil war in France. Marx and Engels: On the Paris Commune*. Moscou: Progress Publishers (third printing); 1980 [1871], pp. 48-101.
- MARX, Karl. "To Abraham Lincoln, President of the United States of America". MECW; 1985a [1865], vol. 20, pp. 19-21.
- MARX, Karl. "Address to the National Labour Union of the United States [May 12]". MECW; 1985b [1869], vol. 21, pp. 53-55.
- MARX, Karl. "Record of Marx's Interview with *The World* Correspondent [July 3]". MECW; 1986 [1871], vol. 22, pp. 600-606.
- MARX, Karl. "Account of Karl Marx's Interview with the *Chicago Tribune* correspondent". MECW; 1989 [1879], vol. 24, pp. 568-579.
- MARX, Karl-ENGELS, Friedrich. "Revue [Januar-Februar 1850]". MEW; 1960 [1850], vol. 7, pp. 213-225.
- MORAIS, Herbert M. "Marx and Engels on America". *Science & Society*, vol. 12, n.º 1, A Centenary of Marxism (Winter, 1948), 1948, pp. 3-21.
- NEUMAN, Heinz. *Marx and Engels on Revolution in America*. Chicago: Daily Worker Pub. Co., 1925.
- WALLING, William E. "Socialism and Pragmatism as seen in the Writings of Marx and Engels (Appendix A)". *The Larger Aspects of Socialism*. New York: The MacMillan Company; 1913, pp. 373-385.
- WOLFE, Bertram D. *Marx and America*. New York: John Day Company, 1934.
- WOODS, Alan. *Marxism And The U.S.A.* Aakar Books, 2009.

---

**Autor(a) para correspondência:** Paulo Fernando Rocha Antunes, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Alameda da Universidade, 1600-214, Portugal. pauloantunes@campus.ul.pt

---

\*Este texto retoma, reformula e desenvolve uma versão preliminar – "Marx, Engels e o *american labor movement*" – comunicação proferida no *III Congresso Internacional Marx em Maio - No bicentenário do nascimento de Karl Marx*, 3 a 5 de maio de 2018, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Org. Grupo de Estudos Marxistas (GEM).